

Armadilhas Intelectuais ou dilemas e dinamismos próprios da cultura¹



Márcio Freire

Doutorando/Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo:

Partindo da análise dos textos “Apesar de dependente, universal”, de Silvano Santiago, e “Nacional por subtração”, de Roberto Schwarz, este artigo analisa a construção da imagem de um Brasil a partir das leituras que os dois críticos fazem dos dilemas que envolvem a produção literária e cultural brasileira, pautada na dualidade dos conceitos de universal e nacional, centro e periferia, modelo e cópia.

Palavras-chave: Nacional; universal; Silvano Santiago; Roberto Schwarz.

Abstract:

Starting from the analysis of the texts “Although dependent, universal” by Silvano Santiago and “National per subtraction” by Roberto Schwarz, this article analyses the construction of the image of a Brazil from the readings that the two critics make about the problems that involve the Brazilian literary and cultural production, guided by the duality of the concepts of universal and national, center and periphery, model and copy.

Key-words: National; universal; Silvano Santiago; Roberto Schwarz.

Resumen:

A partir de una análisis de los textos “Apesar de dependente, universal” de Silvano Santiago y “Nacional por subtração” de Roberto Schwarz, este artículo analiza la construcción de la imagen de un Brasil a partir de las lecturas que los dos críticos hacen de los dilemas que implican la producción literaria y cultural brasileña, basada en los conceptos de dualidad universal y nacional, centro y periferia, modelo y copia.

Palabras-clave: nacional; universal; Silvano Santiago; Roberto Schwarz.

¹ Recebido em 4 de junho de 2009. Aprovado em 1 de julho de 2009.

É lugar-comum, e verdadeira obsessão, no pensamento crítico-literário brasileiro que o produto cultural nacional é dependente e devedor do produto cultural estrangeiro, europeizado ontem e norte-americanizado hoje. Há muito que esse lugar-comum se constituiu em mal-estar e problema, e o questionamento a esse mal-estar já é postura tradicional da crítica literária brasileira. À medida que “o Brasil põe e repõe idéias européias” (Schwarz 2000:29), à medida que mudam os paradigmas, modelos teóricos, conceitos e autores envolvidos no dilema, o problema persiste renovado e com valor de atualidade presente. A constante mudança de paradigmas, modelos teóricos, conceitos e autores são responsáveis, ao menos parcialmente, pelo caráter dinâmico do problema, pela sua permanente renovação e mesmo pelo prestígio junto à intelectualidade brasileira, uma vez que não se podem minimizar as “determinações inescapáveis da dependência cultural, às quais nenhuma categoria de intelectuais periféricos consegue furtar-se” (Miceli 2001:161).

Esse um dilema que primeiro fez fortuna entre os principais escritores do país antes de ser assunto canônico para a crítica literária. Para tanto, basta ver a questão da cor local, questão mesma da identidade nacional como forma de expressão e sucesso avassalador da literatura romântica e, em uma de suas tantas faces, rondou como veto negativo toda a obra literária de Machado de Assis, que não se furtou a enfrentar o problema de maneira pioneira e no calor da hora no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, texto crítico onde entrava no debate e indiretamente questionava os princípios em voga como modelos consagrados e únicos para os escritores e para o próprio país.

Se for verdade que o dinamismo do problema advém da renovação pautada nas mudanças mencionadas, traz implicações próprias ao sistema cultural brasileiro e mostra a falta de laço entre o que se disse antes e o que se dirá depois em relação à questão da dependência, uma vez que o julgamento é constantemente alterado em um espaço de tempo relativamente curto, e com base em critérios tidos como atuais, modernos e de acordo com o momento presente. Por sua vez, mostra uma intelectualidade atenta à questão, mas que não deixa de legitima a permanente presença do fantasma da falta de originalidade e a se empenhar na busca sem glória pela sua superação.

A partir dessa perspectiva é que iremos estudar a maneira como os conceitos de universal e nacional, centro e periferia, modelo e cópia e outros são lidos, teorizados, estudados e discutidos nos ensaios críticos-teóricos “Apesar de dependente, universal”, de Silviano Santiago, e “Nacional por subtração”, de Roberto Schwarz.² Em um primeiro momento, fica clara a questão do produto literário como problema na medida em que passa pelos pares opostos acima na condição de vergonha, desprestígio, recalque, agitando a vida cultural, sendo mais uma constante do *nacionalismo literário* em que se envolve e se envolveu toda a crítica literária brasileira de maneira contida ou exacerbada em um momento ou outro da história intelectual do país.

No texto “Apesar de dependente, universal”, os argumentos, idéias e pontos de vista discutidos e aferidos por Silviano Santiago para conceber o universal – este último termo compreendendo a obra de arte por meio de “uma avaliação real da sua universalidade” são complicadíssimos e vêm a destacar uma nova maneira de ler os textos literários, que aponta não somente para o momento presente e oferece suporte teórico e conceitual para o futuro, mas também atua de maneira a rever o passado a partir da maneira como os escritores envolvidos diretamente ou não com o problema trataram a questão – inevitavelmente acarretando mudanças nos paradigmas de universal e particular, original e cópia. Para que possamos analisá-lo, teremos que ler dois outros textos – diretamente relacionados com o texto anterior e que de certa maneira, continuam com força permanente a discutir os assuntos aqui presentes: “Eça, autor de *Madame Bovary*”, de Silviano Santiago, e “Pierre Menard, autor do Quixote”, de Jorge Luis Borges.

A análise feita por Santiago é culturalista, estando claro ao leitor suas influências estruturalistas e pós-estruturalistas – Jacques Derrida, Roland Barthes, Michel Foucault. É com o arcabouço teórico e conceitual retirado das obras desses autores franceses que o crítico mostra que se fizermos uma apreciação da literatura brasileira tomando como base os princípios

² O assunto é constantemente retomado nos textos de SCHWARZ: “A nota específica”, “Acumulação literária e nação periférica”, “As idéias fora do lugar” e “Crise e literatura”.

etnocêntricos – entendidos estes, no campo literário e de maneira restrita, como sendo os de fonte e influência – e daí tendendo resultado do ato de restringir as suas múltiplas significações e apenas reafirmar o seu lado dependente. Bem entendido, o crítico questiona e destaca o método como ponto determinante e capital para chegar às conclusões que, em sua opinião, muitas vezes têm seus princípios pré-estabelecidos. Santiago não negará a utilidade dessa perspectiva, uma vez que a mesma apresenta e legitima “dois produtos paralelos e semelhantes” (Santiago 1982:21) – e para ficarmos nos exemplos trabalhados anteriormente por Santiago, os produtos paralelos e semelhantes são, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz – mas que apresentam entre si uma hierarquização da cultura dominante; no exemplo mencionado, a cultura francesa do século XIX, sobre a cultura dominada, porque influenciada e dependente culturalmente, a cultura portuguesa do mesmo século, ou, ainda, legitimando uma situação cultural de caráter inegável e historicamente determinada: “Paris, centro da Europa para Portugal” (Santiago 1978:56). Outra vez a contra face do mesmo, a partir do desdobramento dos termos, aqui expressos em centro e periferia.

Novamente as categorias etnocêntricas de fonte – que está em *Madame Bovary*, obra do autor francês – e de influência – que está em *O primo Basílio*, obra do autor português. São, como observou Silviano Santiago, categorias de fundo lógico e complementar. É através dos produtos paralelos, semelhantes e complementares dos países econômica, política e culturalmente dependentes que se estabelece a universalização das partes e do todo através da “imposição da história europeia como História universal” (Santiago 1978:23), do centro que se irradia e se expande, através da importação, da exportação e de formas diversas de imposição para a periferia.

Silviano Santiago opera um esquema de reavaliação dos modelos vigentes e que vigoraram durante muito tempo na filosofia ocidental, tachado de etnocêntricos, o que, aos olhos do crítico, bastaria para invalidá-los por excludentes e opressivos que simplesmente reproduziriam, de maneira bem articulada, as mazelas da filosofia, cultura e economia ocidentais em solo brasileiro. Portanto, tudo, secularmente, resumir-se-ia à rubrica *ideologia*, bem

entendido a uma falsa noção de ideologia que vigorou nos trópicos durante largo período de nossa história.

Não se trata mais do uso das noções de original e cópia, das noções de fonte e influência com o objetivo de ressaltar dois produtos semelhantes, mas hierarquizados, “pois se subvertem esses valores” (Santiago 1978:22). Há, aí, a idéia de valor como algo assentado historicamente, como construção ideológica datada. Frisa-se que a dependência existe e as relações que dela subsistem são inevitáveis. Entretanto, “não se contenta com a visão gloriosa do autóctone e do negro, mas se busca a inserção diferencial deles na totalidade universal” (Santiago 1978:22). Esses pressupostos são, justamente, aquilo que Silviano Santiago chama de “respostas não-etnocêntricas [...] dadas aos valores da metrópole” (Santiago 1978:23), corrigindo, inclusive, as tentativas anteriores, em escala nacional, de superação do problema empreendida pelos escritores e ideólogos do romantismo e do modernismo brasileiros.

Todas essas questões discutidas por Silviano Santiago foram exemplificadas em outro texto, “Eça, autor de *Madame Bovary*”. A inspiração do título é o conto “Pierre Menard, autor do Quixote” do escritor, é bom frisar, latino-americano, argentino, Jorge Luis Borges. Apesar dessa inspiração e da importância do texto de Borges para o desenvolvimento das idéias de Silviano Santiago, este seguirá um caminho muito diferente, quase que oposto ao texto de Borges, nesse caso, também a fonte, ou seja, o primeiro e, para Silviano Santiago, o original e... modelo a seguir e se espelhar, ao cotejar as obras *Madame Bovary* do francês Flaubert e *O primo Basílio* do português Eça de Queiroz.

Em Borges, nesse e em outros textos, há a hibridez de ficção e discussão teórica, o que neste caso, particularmente, é bastante relevante, mostrando que o escritor argentino abordou o dilema de perto, em vários textos e de maneira bastante particular, figurada, ficcional, não deixando de ressaltar o despropósito, o inclassificável e o ridículo a que chegou a situação, expressa neste “projeto” impensável e sem justificativa racional do escritor e intelectual Pierre Menard: propor-se a escrever um livro que já foi escrito, que está pronto e acabado, tal qual, pondo-se distante de toda e qualquer idéia de cópia,

plágio, autoria ou originalidade. Santiago faz uma leitura bastante detalhada do texto de Borges e dele retira vários elementos para expor suas idéias. No texto primeiro, de Borges, temos a enumeração de certo catálogo contendo em ordem cronológica parte da obra visível do romancista Pierre Menard; a outra parte, “a subterrânea, a interminavelmente heróica, a ímpar” (Borges 2001:56), ou seja, a obra invisível de Pierre Menard excluída é agora resgatada pelo narrador do conto. O objetivo de Pierre Menard “era produzir páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes” (Borges 2001:57) na composição do *Dom Quixote*, emulando, assim, tantos e diversos escritores, perseguindo ele também, mais uma vez na condição de máscara de papel, de personagem, o modelo exemplar e de realização única e diferenciada, fazendo um jogo perverso, mas *exemplar* porque próprio da literatura moderna, entre narrador e personagem na vivência e superação de um dilema da criação artística, a questão da originalidade, da autoria.

O narrador de “Pierre Menard, autor do Quixote” acaba por cotejar o texto primeiro, o *Dom Quixote* de Cervantes com o texto segundo, o *Dom Quixote* de Pierre Menard. O leitor perceberá que não há nenhuma modificação vocabular ou sintática entre o primeiro e o segundo textos; entretanto, o narrador mostrará que a diferença, no plano da leitura e da interpretação, é “espantosa”. As noções de originalidade e plágio perdem totalmente seus significados e hierarquizações a partir do momento que, mediados, atualizados, ganham vastos sentidos a partir das leituras dos intérpretes. O narrador mostramos o significado universal que a obra adquire, valorado pelas rupturas e pelas mudanças históricas, quando a obra é lida dentro de seu contexto histórico de publicação ou quando é lida dentro do contexto histórico do autor ou do crítico/leitor. Esse o dado novo, a leitura contextualizada, no presente mesmo de sua leitura, atuando como forma de anular o fantasma da origem e dando destaque extraordinário ao leitor/escritor, descaracterizando, assim, a noção tradicional de autoria. Dessa maneira, temos a relativização dos conceitos a que Silviano Santiago também se referirá posteriormente no texto “Apesar de dependente, universal”, sendo possível ler, de certa maneira, com o gesto de Pierre Menard tornando-se, mesmo sem o saber e sem o crítico Silviano

Santiago destacar, constantemente emulado por intelectuais brasileiros em sua busca do *paraíso perdido* da criação artística.

A partir do exemplo esboçado no conto de Borges, Silviano Santiago, analisando a relação presente entre *Madame Bovary* e *O primo Basílio*, mostrará que a idéia do texto enquanto “elemento único e de reprodução impossível” foi seriamente abalada, perdendo o seu sentido de ser. Para tanto, o autor redefine a idéia de originalidade, realizando uma operação de “batismo”, de redefinição do termo a partir de uma nova significação para o mesmo termo, de uma operação de iniciação, de busca da origem e autoridade que se encontra presa a toda definição, a todo conceito literário ou filosófico.

Dentro dessa perspectiva, e uma vez que já “não se faz de conta que a dependência não existe, pelo contrário frisa-se a sua inevitabilidade”, o crítico dará importância aos detalhes que mostram a “*diferença*” que Eça de Queiroz estabelece no texto segundo, *O primo Basílio*, com relação ao texto primeiro, *Madame Bovary*. A dependência, apesar de ser inevitável, não consegue impedir que o texto segundo instaure uma diferença que passa a ser o lado invisível da obra segunda. Diferença que alterará as relações entre os textos e é fruto da transgressão do modelo empreendida pelos artistas oriundos das culturas dependentes. O ponto alto, aqui, é a natureza da transgressão múltipla e, muitas vezes, inclassificável. A diferença que o texto segundo instaura junto ao texto primeiro é, justamente, as respostas não-etnocêntricas que as culturas dependentes dão à metrópole e somente nesse contexto o conceito de universalidade das obras passa a existir porque a resposta “passa a ser um padrão de aferição cultural da universalidade *tão eficaz quanto* os já conhecidos e catalogados” (grifo nosso) (Santiago 1978:23).

A universalidade ou é um “jogo colonizador” regido pelos princípios etnocêntrico ou é um “jogo diferencial” regido pelas respostas não-etnocêntricas.

O paradigma de análise literária desenvolvido por Roberto Schwarz é, também, atrelado à cultura de maneira geral, em sentido amplo, e encontra na obra crítico-literária e teórica de Antonio Candido, a sua principal influência em escala nacional, e na obra dos autores alemães Adorno e Benjamin,

a influência em escala internacional. E não se pode ignorar o esforço de superação dos impasses que os problemas da cultura impõem aos estudos literários que sempre foram objeto do esforço teórico manifesto em toda a obra crítica de Antonio Candido.

Os estudos de Roberto Schwarz baseiam-se na relação existente entre forma literária e processo social ou, mais especificamente, objetivam “chegar a uma visão aprofundada da realidade a partir da forma” (Schwarz 1997:5), ou chegar a uma visão aprofundada da forma literária a partir da realidade social e mais imediata datada nos textos literários, parte do dilema e fato histórico inegável e já canônico na inteligência européia, a evolução das formas literárias e a relação dessas com a sociedade.

Nos dois textos, “Apesar de dependente, universal”, de Silviano Santiago, e “Nacional por Subtração”, de Roberto Schwarz, está explícito, através do jogo que os autores fazem dos conceitos, a começar pelos destaques nos próprios títulos, o caráter secundário do produto artístico nacional e, ao mesmo tempo, uma tentativa de superação das implicações de fundo negativo. Mas a tentativa de enfrentar o problema não deixa de lado as várias tentativas de escamoteamento do mal-estar como forma de superação do impasse, como solução do problema. Escamoteamento que começa, também, a manifestar-se nos próprios títulos. Não que os textos tratem absolutamente e da mesma maneira os mesmos assuntos; antes eles discutem acerca de algumas teses e pontos de vista já amplamente difundidos no universo crítico-literário brasileiro, a saber, os conceitos de universal e nacional, centro e periferia, modelo e cópia.

Roberto Schwarz fará, em seu estudo, uma espécie de síntese do mal-estar que assola a vida cultural brasileira. Mal-estar que advém do caráter imitativo, da dependência do produto cultural nacional. Lendo o texto de Schwarz observaremos, como o próprio crítico, que o mal-estar mencionado é um fato, e fato secular na cultura brasileira, sendo retomado e atualizado pela sua geração que comunga do mesmo sentimento e age da mesma maneira no objetivo de tentativa de superação do dilema nacionalista e de vivê-lo e vivenciá-lo como um fato bruto e inegável da sociedade local: “em síntese, desde o século passado existe entre as pessoas educadas do Brasil [...] o sentimento

de viverem entre instituições e idéias que são copiadas do estrangeiro e não refletem a realidade local.” (Schwarz 1987:38-39). Mas é preciso conter e mensurar bem os sentimentos, afinal Machado de Assis, ou seja, Machado de Assis e sua obra foram vítimas de uma das tantas tentativas de reparação desse sentimento, uma vez que constantemente acusado de negligenciar e de não refletir a “realidade local”, fato que o próprio Schwarz à frente e outros se encarregaram de corrigir.

Mal-estar que continua presente e com grande força no horizonte intelectual brasileiro, não deixando de ser um desafio, e uma *armadilha*, ao intelectual que envereda por esse caminho: o renomado historiador Boris Fausto, indiscutivelmente uma dessas “pessoas educadas do Brasil”, ao resenhar a publicação do primeiro volume da *História da vida privada no Brasil* caiu na armadilha e se embaraçou ao comentar o empreendimento quando tocou na edição francesa, ou seja, para usarmos a terminologia teórica própria da crítica, quando tocou na origem intelectual do projeto, na fonte primeira e única das idéias – que responderia a uma demanda própria e complexa da história das idéias e de uma etapa da historiografia francesa – e influência para o empreendimento em escala nacional, a *História da vida privada*, e, pisando em falso, saiu-se da seguinte maneira: “Ressalve-se, porém, que estamos falando de *inspiração* e não de *cópia de modelos*” (grifo nosso) (Fausto 1997:10).

A frase deixa claro que é preciso afastar o caráter danoso e de pouco prestígio, beirando a vergonha e aberto a todas as censuras que a idéia de “cópia de modelos” impinge à noção de saber, de obra, de autoria, de nação, de povo, de autoridade, e o historiador, ingenuamente, chama em seu socorro, como forma de se livrar do problema, ou seja, como forma de se livrar do fantasma da origem, outro fantasma, o fantasma da “inspiração”. Esses esforços não escondem o quanto há de utopismo, nacionalismo, sentimento de inferioridade e ingenuidade nessas tentativas de... reparação. Utopismo, nacionalismo e ingenuidade quando a intelectualidade está sempre à procura do mito da criação original, orgânica e a partir de uma reflexão bastante pessoal e particular com o objetivo de buscar a legitimação dos mais diferentes produtos de natureza intelectual, o que naturalmente realçaria e destacaria uma maioria e

uma maturidade intelectuais de longa data caras ao intelectual brasileiro. Embarço que está presente no aspecto lingüístico através dos “apesar de...”, dos “porquês”, dos “poréns” e no fato de se crer que o fantasma desaparece quando se diz que ele não existe ou quando o mito da *origem* é apresentado como ultrapassado ou superado, ou mesmo ferido mortalmente com o veneno da *inspiração*.

O mal-estar, ironicamente, e fazendo uso inverso do raciocínio de Roberto Schwarz, tornou-se um “elemento dinâmico e irresolvido, subjacente às contradições contemporâneas” (Schwarz 1987:31), elemento já indissociável da cultura oficial, fértil, ativo e vibrante no seio da intelectualidade brasileira. É justamente por seu caráter dinâmico, daí sua capacidade de estruturação e sua força de mutação, que a intelectualidade brasileira não o deixa de lado e prega a ele seu apreço diário.

No afã de tentar superar o mal-estar causado pelo caráter imitativo, dependente do produto nacional, foram criadas várias alternativas buscando o fundo nacional genuíno do produto, ou algo que equivalha a isso. Diante de todo o painel exposto por Roberto Schwarz, percebemos que houve uma mudança de atitude que estabeleceu o seguinte movimento – aparentemente retilíneo e gradativo da concepção do problema e de como lidar com ele: do purismo encarnado por Policarpo Quaresma na busca de um autêntico passado pré-colonial até o programa antropofágico de Oswald de Andrade onde “o desajuste não é encarado como vexame, e sim com otimismo” (Schwarz 1987:37). Mas o andamento é o mesmo, sempre o mesmo e renovado: “o otimismo”, a crença, o conceito, o arcabouço teórico, os princípios filosóficos, o ponto de vista ou a perspectiva; com isso o momento histórico em seu presente imediato fixa a “personagem” e legitima seu discurso, revelando, ainda, outro traço que chama a atenção: como se dá, na cultura brasileira, a presença da mesma “personagem” que constrói uma imagem do país na ficção e na realidade, e quanto há de ganho e de perda nas tentativas da personagem literária, Policarpo Quaresma e da personagem real e atuante da cultura brasileira, Oswald de Andrade.

Ao contrário de Silvano Santiago³ que trabalha a questão “estruturalista” de maneira pormenorizada, Roberto Schwarz a nega sem entrar de fato na discussão de suas posições a esse respeito, as propostas apresentadas pelos estruturalistas e pós-estruturalistas franceses quando quer resumir seus paradigmas naquilo que remete às questões etnocêntricas de fonte e influência, em uma simples “destruição filosófica da noção de cópia” (Schwarz 1987:39) como solução para o enfrentamento de problemas dessa ordem que atingem as culturas dependentes, como se a noção de cópia, em si mesma, não pudesse ser vista como uma construção filosófica e artificial, longe de qualquer sofisma ou aporia.

Do ponto de vista de como pensar o problema, o mesmo se repete quando Schwarz levanta uma “contradição – a busca da identidade nacional passando pela língua inglesa, por uma citação clássica e um trocadilho –” (Schwarz 1987:39) na fórmula Oswaldiana “Tupi or not tupi, that is the question”. Não é possível ignorar o “deslocamento” que o paradigma oswaldiano opera nas relações hierárquicas estabelecidas pela metrópole sem se deixar ser tolhido pelos problemas de autoria.

Roberto Schwarz percebe o problema, a contradição, e ainda nota que a contradição possa ser importante, e talvez a única forma para entender a questão, ao apontar que Oswald de Andrade, em sua antropofagia, alcança um “progressismo *sui generis*” (Schwarz 1987:37) que “altera a tônica” das maneiras de se posicionar frente ao problema da tensão cópia/original, sabendo que Oswald de Andrade reconhece a dependência e depois denuncia o trocadilho de uma citação clássica com o uso da língua inglesa. O crítico que anteriormente rechaçou como sendo ingênuo, utópico e nacionalista o “purismo” que está encarnado na figura de Policarpo Quaresma – “a quem o afã de autenticidade leva a se expressar em tupi, língua estranha para ele” (Schwarz 1987:33) – termina por realizar uma crítica de caráter semelhante sobre a fórmula oswaldiana, uma vez que a língua inglesa nesta fórmula Oswaldiana, “Tupi or not tupi, that is the question”, também representa o “estranho”, o

³ “Apesar de dependente, universal”, “Atração do mundo” e “O entre-lugar do discurso latino-americano”.

outro, o estrangeiro para Oswald de Andrade, ou seja, citando Schwarz: “língua estranha para ele”, Oswald de Andrade.

O crítico termina, também, não por meios muito distintos dos usados por Santiago, por relativizar a situação mostrando o caráter verdadeiramente complexo de problemas que envolvem relações culturais tão prementes e arraigadas na cultura e na sociedade brasileiras, destacando que “a vida cultural tem dinamismos próprios, de que a eventual originalidade, bem como a falta dela, são elementos entre outros” (Schwarz 1987:48).

Referência bibliográfica

ASSIS, M. de. 1999. O primo Basílio. In —. *Instinto de nacionalidade & outros ensaios*. São Paulo: Mercado Aberto.

BORGES, J. L. 2001. Pierre Menard, autor do Quixote. In —. *Ficções*. 3 ed. São Paulo: Editora Globo, p. 53-63.

FAUSTO, B. 1997. A intimidade de uma nação. Prestígio das “histórias da vida privada” indica o declínio da vida pública no Ocidente. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1 jun. Caderno Mais, p. 10.

MICELI, S. 1982. Intelectuais e classe dirigente no Brasil. In —. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTIAGO, S. 1982. Apesar de dependente, universal. In —. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 13-24.

_____. 2004. Atração do mundo. In —. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 11-44.

_____. 1978. Eça, autor de Madame Bovary. In —. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 49-65.

_____. 1978. O entre-lugar do discurso latino-americano. In —. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Editora Perspectiva, p. 11-29.

SCHWARZ, R. 1999. A nota específica. In —. *Seqüências brasileiras*. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p. 151-154.

_____. 2000. Acumulação literária e nação periférica. In —. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, p. 219-243.

_____. 2000. As idéias fora do lugar. In —. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Editora 34, p. 9-31.

_____. 1987. Crise e literatura. In —. *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p. 157-163.

_____. 1987. Nacional por subtração. In —. *Que horas são?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, p. 29-48.